

# CARLO GINZBURG: NOTAS SOBRE UM PERCURSO INTELECTUAL

**Kelvin dos Santos Falcão Klein\***

*Resumo:* Este trabalho investiga o percurso intelectual do historiador italiano Carlo Ginzburg, com o propósito de identificar os rastros do contato entre vida e obra, contingência e expressão, tanto em seus ensaios quanto em elementos complementares de sua obra, como prefácios, posfácios e notas explicativas. Com base nisso, será possível observar um cenário onde a expressão de si suplementa não apenas as escolhas de pesquisa, mas também todo o desenvolvimento crítico do sujeito.

*Palavras-chave:* discurso histórico; contingência; teoria crítica.

**1.** O historiador italiano Carlo Ginzburg vem se apresentando, no cenário acadêmico dos últimos trinta ou quarenta anos, como um pensador das fronteiras, alguém que se vale do instrumental de diferentes disciplinas para cercar seus objetos de estudo. Para ler documentos históricos, não hesita em utilizar conceitos da teoria da literatura, da filosofia ou da antropologia. Por conta desse e de outros aspectos, Ginzburg aparece como uma figura representativa do contexto das ciências humanas na contemporaneidade, especialmente no que tange à passagem do estruturalismo ao pós-estruturalismo.

Este artigo, com base na leitura de alguns dos ensaios, prefácios e notas explicativas de Carlo Ginzburg, procurará cunhar um projeto experimental de equivalências, ou seja, observar, nas recorrências de seus textos, a delimitação de um projeto de investigação que articula biografia e bibliografia, origem familiar e pertencimento institucional, expressão de si e mecanismos de recepção.

\* Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2. Em 1976, Ginzburg lança *O queijo e os vermes*, um estudo sobre a vida e as ideias de um moleiro italiano do século XVI chamado Domenico Scandella, também conhecido por Menocchio, que foi queimado pela Inquisição. Ginzburg (1987, p. 12), no prefácio à edição inglesa do livro, escreve que seu estudo sobre um homem “acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular”, no tenso período histórico que combinava difusão da imprensa e Reforma Protestante. Essa confluência aconteceu por conta do intenso contato que Menocchio estabeleceu com a esfera social e cultural de sua época – e os rastros que deixou desse contato.

O mesmo movimento ocorre com Ginzburg quando observamos as marcas do contato com a história que ele espalha por seus escritos, ainda que de forma esparsa. Da mesma forma que Menocchio, Ginzburg articula com maestria a linguagem de seu tempo, condensando elementos significativos da cultura em seus escritos. “Com rara clareza e lucidez, Menocchio articulou a linguagem que estava historicamente à sua disposição”, escreve Ginzburg (1987, p. 25) no prefácio à edição italiana de *O queijo e os vermes*. E continua: “Por isso, nas suas confissões é possível encontrar de maneira bastante nítida, quase exasperada, uma série de elementos convergentes”.

Menocchio aparece, de certa forma e até certo ponto, como um decalque de Ginzburg. Uma pesquisa que, segundo Ginzburg (1987, p. 11), “surgiu por acaso”, fruto de uma anotação marginal que “ressaltava periodicamente de meus papéis e se fazia presente em minha memória”. Dos momentos mais instigantes de sua pesquisa, destaca-se a seção que trata do método de leitura de Menocchio, depreendido do registro de suas falas durante os interrogatórios da Inquisição. Ginzburg (1987, p. 81) afirma que, para Menocchio, “um detalhe acabava se tornando o centro do discurso, alterando, assim, todo o seu sentido”. E, mais adiante, especifica o método: “como Menocchio lia seus livros: destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas, fazendo explodir analogias fulminantes” (GINZBURG, 1987, p. 103).

Nada mais próximo do método que o próprio Ginzburg coloca em prática em suas pesquisas. No prefácio ao seu livro *Mitos, emblemas, sinais*, uma coletânea de ensaios publicada em 1986 (dez anos depois de *O queijo e os vermes*, portanto), o historiador italiano declara como o “gosto pelo detalhe revelador” sempre foi fundamental para seu trabalho, que visa, em última análise, “superar na pesquisa concreta a antítese ideológica entre racionalismo e irracionalismo” (GINZBURG, 1989, p. 8).

“Discurso historicamente disponível” é, portanto, expressão-chave nesse cenário – limitação que Ginzburg diagnostica em Menocchio, mas que também apresenta como a medida da potência de que dispõe o sujeito para pensar o mundo que lhe cabe conhecer. Isso está diretamente ligado aos livros que o moleiro teve oportunidade de conhecer, ou seja, a tradição de que estava imbuído, o instrumental que cabe ao sujeito manejar. No prefácio ao livro *Mitos, emblemas, sinais*, Ginzburg (1989, p. 10) mostra que sua preocupação com os perigos da separação grosseira entre racionalismo e irracionalismo, dentro da pesquisa histórica de forma geral, se devia às leituras formativas que realizara muito cedo, que chama de “genealogia intelectual privada”: “os ensaios de Spitzer, *Mimesis* de Auerbach, *Minima Moralia* de Adorno, a *Psicopatologia da vida cotidiana* de Freud, *Os reis taumaturgos* de Bloch”.

3. Ginzburg também deixa claro que, suscitado por suas origens familiares, tem a tendência a contemplar o processo histórico como uma tensão violenta de forças – um embate contínuo entre o alto e o baixo, o evento e a estrutura, o vulgo e o culto, o estabelecido e o novo – que sempre deixa marcas na trajetória dos sujeitos. No pós-escrito do livro *Os andarilhos do bem*, Ginzburg (1988, p. 16) afirma que a homogeneidade da cultura de uma sociedade (ou seja, interferências interpretativas que visam à indiferenciação e ao apaziguamento da tensão referida acima) é o “ponto de partida [...] de um processo intimamente coercitivo e, enquanto tal, violento”. Coerção e violência, portanto, pautam o discurso historiográfico institucionalizado, uma vez que são elementos inerentes ao processo de corte e montagem que forma toda interpretação. Entretanto, há um “resíduo de indecifrababilidade” em cada evento histórico, como afirma Ginzburg (1987, p. 31) no último parágrafo do prefácio a *O queijo e os vermes*, e respeitar esse resíduo “não significa ceder ao fascínio idiota do exótico e do incompreensível”, e sim “levar em consideração uma mutilação histórica da qual, em certo sentido, nós mesmos somos vítimas”.

Mais uma vez o que está em jogo aqui é a implicação do sujeito que se coloca não apenas diante de seu tema ou objeto, mas também no interior desse corpo que o solicita. A violência inerente a todo evento histórico diz respeito a “nós”, que “somos vítimas”, como sublinha Ginzburg. Mas não se trata de um “nós” generalista, apegado ao “fascínio idiota do exótico”; trata-se de um “nós” que abarca aqueles que se comprometem diante da visão impossível do “resíduo de indecifrababilidade” que a história apresenta em suas lacunas. Diz mais respeito à cultura dos perseguidos do que à lógica da perseguição, como veremos mais adiante.

4. Dois precursores são reivindicados por Ginzburg a partir desse percurso que explora os resíduos de indecifrababilidade da história: Erich Auerbach e Aby Warburg. Na coletânea de ensaios *Relações de força*, de 2000, Ginzburg (2002) sintomaticamente inclui um artigo chamado “Além do exotismo: Picasso e Warburg” que explora a diferença entre o fascínio pelo exótico como categoria de homogeneização histórica e a consideração das “mutilações históricas” que atingem “todos nós”, como exposto em *O queijo e os vermes*.

Tanto Warburg quanto Auerbach (cuja obra *Mimesis* está incluída na lista de leituras formativas de Ginzburg, como vimos anteriormente) eram, como Ginzburg, de origem judaica, mas guardam relações muito mais definitivas com o método desenvolvido, em grande medida a partir desses dois precursores, pelo historiador italiano. Tanto Warburg quanto Auerbach construíram parte de suas obras sob o signo da violência, da contingência e da limitação (o primeiro em um sanatório, o segundo no exílio) – e inauguraram campos de estudo que, como não cansa de afirmar Carlo Ginzburg, recém começaram a ser explorados pelos pesquisadores contemporâneos.

A coletânea *O fio e os rastros* (GINZBURG, 2007) está fortemente imbuída de um esforço de leitura para com *Mimesis*, a obra capital de Erich Auerbach, escrita durante a Segunda Guerra Mundial. Ginzburg (2007, p. 175) frisa, no ensaio “A áspera verdade – um desafio de Stendhal aos historiadores”, as condições adversas que acompanharam a realização do livro: “Auerbach escreveu *Mimesis* no exílio, em Istambul, numa situação em que o acesso às fontes secundárias lhe era vedado e o acesso às fontes primárias, limitado”. Era preciso

forçar a memória, criar um percurso a partir do “detalhe revelador” e imprimir um ritmo de reflexão que fizesse brotar “analogias fulminantes” – procedimentos que Ginzburg não apenas cultivava em seu trabalho, mas também observa em Auerbach e em Menocchio, o moleiro da Idade Média, como vimos no início. O próprio Auerbach (1971, p. 489) amplia a questão no epílogo escrito a *Mimesis*, reforçando a dificuldade do momento histórico, quando “as comunicações internacionais estavam paralisadas”, o que refletia tanto na estrutura do texto quanto em sua motivação pessoal final: “é resultado da escassez de literatura especializada o fato deste livro não conter notas”, e completa: “é bem possível que este livro deva agradecer a sua existência precisamente à falta de uma grande biblioteca especializada; se tivesse podido tentar informar-se a respeito de tudo o que foi feito acerca de tantos temas, talvez nunca teria chegado a escrever”.

Auerbach é reivindicado por Ginzburg como uma imagem do intelectual que continuamente repensa as fronteiras entre as disciplinas, especialmente o contato entre discurso histórico e discurso ficcional, base dos debates de Ginzburg com os representantes de certa visada cética da historiografia dos últimos anos. “Analisando trechos históricos da plena e da tardia Antiguidade (Tácio, Amiano Marcelino) e da Idade Média (Gregório de Tours)”, aponta Carlo Ginzburg (2007, p. 319) sobre o trabalho do filólogo alemão, “junto com trechos de poetas, dramaturgos ou romancistas, Auerbach indicou um caminho que não foi continuado”, um caminho que deveria ser explorado “mostrando como resumos de fatos de crônica mais ou menos extraordinários e livros de viagens a países distantes contribuíram para o nascimento do romance e – através desse intermediário decisivo – da historiografia moderna”.

E o contato entre Ginzburg e Auerbach fica mais estreito quando observamos a passagem, presente no ensaio sobre Stendhal, de *O fio e os rastros*, na qual Ginzburg (2007, p. 173) identifica os romances de Virginia Woolf e Marcel Proust como fontes para a ideia de Auerbach, “totalmente estranha às histórias da literatura tradicionais”, de que por meio “de um acontecimento acidental, uma vida qualquer, um trecho tomado ao acaso, se possa chegar a uma compreensão mais profunda do todo”. Ou seja, como leitura primordial em seus anos de formação, *Mimesis* serve a Ginzburg como inspiração metodológica para a imersão nos arquivos da Inquisição, principalmente em sua leitura do caso de Menocchio, uma vida tomada ao acaso que lhe permitiu “uma compreensão mais profunda do todo”. Auerbach é apresentado como um observador do detalhe revelador e como um intelectual atento às convulsões históricas que atingem diretamente o sujeito que as pensa – característica que Ginzburg transmite para seu próprio percurso.

5. Aby Warburg, a segunda imagem que surge no autorretrato que Carlo Ginzburg vai formando de si em seus relatos, era outro entusiasta do detalhe. O historiador da arte alemão, membro de uma tradicional família de banqueiros, tinha como mote a frase “Deus está no particular”, que Ginzburg (1989, p. 143) utiliza como epígrafe para o ensaio “Sinais”, e que retoma no ensaio “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”, na variação “Deus está nos detalhes” (GINZBURG, 2007, p. 269) – que se aproxima da versão que utiliza o filósofo italiano Giorgio Agamben (2007, p. 117), outro importante leitor de Warburg na contemporaneidade, que, em um dos capítulos de seu livro *Estâncias*, apresenta a epígrafe “O bom Deus aloja-se no detalhe”, igualmente retirada de Warburg.

As relações de Ginzburg tanto com a figura de Warburg quanto com seus escritos e seu legado teórico são vastíssimas. No prefácio a seu primeiro livro, *Os andarilhos do bem*, Ginzburg (1988, p. 13) assinala a importância do Warburg Institute (organização que reuniu os escritos e a biblioteca de Warburg após sua morte, ocorrida em 1929) para a realização de sua pesquisa: “O Warburg Institute de Londres, por proposta da saudosa Gertrude Bing, deu-me a possibilidade, no verão de 1964, de servir-me da sua biblioteca, um instrumento de trabalho insubstituível”.

Esse contato seria aprofundado: em 1966, ano de publicação de *Os andarilhos do bem* (finalizado no ano anterior), aproveitando sua estada no Warburg Institute, Ginzburg publica o ensaio “De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método”, uma densa reflexão sobre os caminhos abertos pela produção híbrida de Warburg (a mesma sinalização que acompanhamos acerca de Auerbach) e sobre a produção intelectual de estudiosos que gravitaram ao redor de Warburg e contribuíram para a manutenção de suas pesquisas e de sua biblioteca, entre eles Erwin Panofsky, Fritz Saxl e Ernst Cassirer.

Em 1999, um convite para uma conferência exemplifica a profundidade do contato entre Warburg e Ginzburg delineado até aqui: o historiador italiano é convidado pela Biblioteca Hertziana de Roma para celebrar o aniversário de 70 anos da palestra que Warburg havia dado no mesmo lugar. Ginzburg (2002, p. 135) leu o já referido ensaio “Além do exotismo: Picasso e Warburg”, no qual reforça a importância de Warburg como um agente de “abertura cultural”, que “sublinhava a necessidade de estender a análise dos fenômenos culturais para além dos confins não só do Mediterrâneo mas de toda a Europa”.

O pesquisador argentino José Emilio Burucúa, provavelmente o mais importante leitor latino-americano da obra de Aby Warburg, publicou, em 2003, um estudo que já pelo título indica a posição de Carlo Ginzburg como continuador da tradição de “abertura cultural” de Warburg: trata-se de *Historia, arte, cultura: de Aby Warburg a Carlo Ginzburg*, publicado pelo Fundo de Cultura Econômica. Burucúa dá um passo além no movimento iniciado por Ginzburg no ensaio sobre o método de Warburg e Gombrich, referido anteriormente, dividindo a argumentação em quatro partes: a primeira dedicada a Warburg, a segunda dedicada a seus seguidores da primeira geração, a terceira parte analisando a produção do Warburg Institute nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial e o quarto e último capítulo aprofundando-se nas leituras de Warburg feitas pela escola italiana, Carlo Ginzburg especialmente. Burucúa (2003, p. 126-145) aponta o método de leitura a partir do detalhe, de Ginzburg, como uma das mais produtivas possibilidades de questionamento das imagens na contemporaneidade, e a forma como esse procedimento atualiza criativamente as ideias de Warburg, pondo-as em contato com os conceitos de outros pensadores.

6. Em *História noturna*, livro de 1989 que aprofunda as pesquisas tanto de *Os andarilhos do bem* quanto de *O queijo e os vermes* (ainda que amplie consideravelmente o espaço temporal e geográfico contemplado para a pesquisa), Ginzburg (1991, p. 11) escreve que a pesquisa historiográfica tradicional concentra-se “de forma quase exclusiva na perseguição”, enquanto seu interesse diz respeito “às atividades e aos comportamentos dos perseguidos”. Essa significativa quebra de paradigma, além de acarretar um intenso e renovado trabalho de pesquisa, descortina a construção permanente de um método baseado,

simultaneamente, na atenção ao detalhe e na abertura cultural – elementos presentes em Auerbach e Warburg (ou ainda: na leitura proliferante que Ginzburg realiza de obras específicas desses dois pensadores) e que ganham feições mais precisas no contato com outros nomes que o próprio Ginzburg menciona (Claude Lévi-Strauss, Siegfried Kracauer, Mikhail Bakhtin, Edward Gibbon). A reflexão desse artigo está restrita, a cargo de ilustração do método de filiação de Carlo Ginzburg, a Auerbach e Warburg, mas procura emular, em suas lacunas e notas sugestivas, aquele “impulso para enfrentar periodicamente temas e setores de pesquisa que ignoro completamente”, como denomina de forma franca Ginzburg (2007, p. 296), usando, de forma particularmente produtiva, a primeira pessoa do singular em seu discurso.

Essa frase faz parte de uma leitura feita em Tóquio, no ano de 1992, por ocasião do lançamento da tradução de *História noturna*, leitura que foi incluída na coletânea *O fio e os rastros* com o título “Feiticeiras e xamãs”. Ginzburg aproveita a ocasião para realizar um panorama de seu percurso como sujeito e como pesquisador, procurando entrelaçar a ambos e iluminar a gestação do livro que, aparentemente, mais trabalho lhe deu para ser realizado. Ginzburg (2007, p. 310) afirma que foram necessários 15 anos de pesquisa para a realização de *História noturna* que, à semelhança de *Os andarilhos do bem* e *O queijo e os vermes*, é um livro contínuo, como um romance.

7. Muitas das pesquisas de Ginzburg, tanto em seus trabalhos extensos quanto em seus ensaios, parecem se concluir quando “percebemos finalmente uma voz diversa, uma voz dissonante, não domesticada: uma voz estranha, que provém de um lugar situado fora do texto” (GINZBURG, 2002, p. 98). Mas não é exatamente uma conclusão que surge ao fim de suas investigações – seria mais exato definir como uma interrupção, um abandono consciente, um voto de confiança à potência do texto, que o fará desdobrar-se e proliferar, resultando em outros textos e outras pesquisas (seja de Ginzburg, seja de outros). Algumas fórmulas se repetem nessas interrupções, em sutis variações: “não estou certo”; “sobre tantos outros (documentos, conflitos) pouco ou nada sabemos”; “sobre este ponto ainda é preciso muita atenção”; “uma hipótese ainda não verificável”; “uma resolução que hoje não podemos nem imaginar” etc.

Trata-se de um reflexo da posição de Ginzburg diante da história, da tradição e da cultura formada muito antes daquele que escreve, um contato que pressupõe imersão permanente e desleitura criativa. Somente na releitura constante dos textos é possível descobrir suas lacunas e seus lapsos, e somente a partir de uma prospecção inventiva é possível extrair discurso desses desvios. Mais do que uma ligação a uma disciplina específica, seja a historiografia, seja a crítica literária, a aproximação ao método de Carlo Ginzburg permite uma visão da diversidade intelectual posta em uso, uma prática crítica do contato e de seus rastros.

#### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Estâncias* – a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.



BURUCÚA, J. E. *Historia, arte, cultura: de Aby Warburg a Carlo Ginzburg*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber*. Organização Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *História noturna: decifrando o Sabá*. Tradução Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Relações de força: história, retórica, prova*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KLEIN, K. dos S. F. Carlo Ginzburg: notes about an intellectual path. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 24-30, 2010.

*Abstract: This work investigates Italian historian Carlo Ginzburg's intellectual path, searching for clues to understand the contact between life and work, contingency and expression, both in his essays and complementary elements of his work, such as prefaces, preambles and notes. Through this it will be possible to observe a scene where the self's expression supplements not only the research choices but also all self's critical improvement.*

*Keywords: historical discourse; contingency; critical theory.*